

PROJETO TV ESCOLA

A escola de parabólica em riste quer captar os sinais do futuro e apostar na melhoria da qualidade do ensino

Todos os que defendem a escola pública torcem para que o Projeto de educação a distância do MEC, denominado TV Escola, dê certo e chegue, de fato, aos professores e aos alunos, respeitando seus interesses e suas necessidades. A debutante Secretaria do Desenvolvimento, Inovação e Avaliação Educacional, responsável pela implantação da TV Escola, pretende que cada uma das 46 mil escolas, com mais de 100 alunos, receba um kit tecnológico composto por um televisor, uma antena parabólica, um videocassete e fitas para a gravação dos programas. Foram destinados 70 milhões de reais, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação — FNDE, para a compra dos equipamentos. Os sinais da TV Escola são transmitidos por satélite e ela é uma televisão voltada especialmente para a escola brasileira. Isa Grinspum Ferraz, consultora do Projeto TV Escola e uma das responsáveis pela grade de programação do Projeto, deu esta entrevista¹ exclusiva para Comunicação & Educação. Confira.
Por: Roseli Fígaro

Revista Comunicação & Educação: O que é a TV Escola?

Isa Grinspum Ferraz: A TV Escola é um projeto do Ministério da Educação que visa à formação dos professores das Escolas Públicas de Ensino Fundamental. A idéia é que todas as Escolas Públicas brasileiras com mais de 100 alunos recebam um kit tecnológico, composto por uma antena parabólica, um monitor de TV, um videocassete e fitas, que serão renovadas. Estes aparelhos permitem sintonizar e gravar uma programação que é emitida três vezes ao dia por satélite, visando basicamente à atualização dos professores e apoio à sala de aula. Nesse momento, a prioridade do Ministério é o Ensino Fundamental, da primeira à quarta séries. Hoje o Brasil já possui escolas para quase todo o mundo, mas não conseguiu resolver o problema da evasão, da repetência e da qualidade de ensino. Esse projeto é mais um de uma série de outros projetos do Ministério, todos no sentido da valorização do professor e da Escola de Ensino Fundamental.

1. A Professora Mindé Bauday de Menezes, diretora do Departamento de Inovações Educacionais, sediado em Brasília, também respondeu, por escrito, a um questionário que lhe enviamos. Suas informações foram preciosas para compormos a edição das páginas seguintes, a que agradecemos.

RCE: *Por que televisão e por que esse sistema?*

Isa: Ninguém está inventando a roda. Simplesmente constatou-se que num país deste tamanho, se se quer chegar a 46 mil escolas com mais de 100 alunos, representando cerca de 30 milhões de estudantes e 1 milhão e 200 mil professores, é preciso utilizar-se dos meios de comunicação.

RCE: *Que tipo de programação essas 46 mil escolas vão receber?*

Isa: Nós oferecemos uma programação criteriosamente produzida e selecionada. Uma parte é material adquirido, comprado no Brasil e no Exterior, e outra parte está sendo produzida para a **TV Escola**. Esta programação é orientada sobre os eixos temáticos dos currículos das escolas brasileiras; mas existe a preocupação de ampliação do leque de abrangência dos temas, discutindo assuntos como cidadania, meio ambiente, identidade cultural do povo brasileiro, buscando uma maior universalidade. A idéia é que a escola grave esse material, organize uma videoteca, que passará a funcionar como uma biblioteca de imagens dentro da Escola. A escola não tem obrigação nenhuma em relação à **TV Escola**. Ela vai usar a **TV Escola** como usa uma biblioteca.

RCE: *Como a escola foi preparada para receber a TV Escola? Qual é o compromisso que se estabelece entre o Projeto e a escola?*

Isa: Nós usamos a programação inicial televisiva como instrumento para conversar com o professor. A revista **TV Escola** chega à escola com a grade da programação. Estávamos trabalhando em caráter experimental desde o dia 4 de setembro de 95. Era em caráter experimental também para quem estava produzindo e organizando a programação, esperando o *feed back*, o retorno. No curto espaço de quatro meses, pudemos aferir muita coisa. Já fizemos várias modificações e em março a **TV Escola** entra no ar em caráter definitivo. Temos uma campanha de mídia e estamos trabalhando cada escola através de mala direta. Cada Secretaria de Educação vai receber nossa correspondência. Fora isso já existe todo um projeto de implantação de contato homem a homem, são grupos do Ministério, ligados à Secretaria de Educação a Distância — é uma Secretaria nova, cujo Secretário é o Pedro Paulo Popovic — e esses grupos vão fazer diversos *workshops* e seminários nas várias Secretarias Municipais.

RCE: *A escola recebe o equipamento do MEC?*

Isa: Ela ou a Secretaria Municipal da região recebe uma verba. A idéia é descentralizar todo o processo. Em vez de o Ministério comprar 46 mil antenas parabólicas, ele faz o repasse da verba. O dinheiro vai para a escola. O seu uso é condicionado à compra do equipamento.

RCE: *A escola compra de quem quiser?*

Isa: Ela tem que licitar. Tudo o que é público tem que ser licitado.

RCE: *Há como se obter controle se o município já recebeu a verba e se ela já foi utilizada?*

Isa: O MEC, que é quem libera o dinheiro, tem esse controle um a um. Os processos são lentos. Na verdade, em março nós ainda não teremos o Projeto funcionando em 46 mil escolas. A previsão é que tenhamos 30 mil escolas funcionando e que as outras irão se agregando aos poucos. O processo de licitação não é um processo simples. Primeiro o dinheiro chega à escola, depois temos o processo de licitação; após a compra espera-se a entrega do equipamento e depois a instalação. Então nós sabemos que não é um projeto para estar totalmente implantado até junho. A idéia é que ele vá sendo implantado paulatinamente.

RCE: *Da fase experimental, qual foi o retorno que vocês tiveram e quais regiões receberam a TV Escola?*

Isa: Variou muito. Piauí recebeu. Paraná recebeu, Santa Catarina recebeu, mas não o Estado inteiro. São regiões ou escolas que já tinham parabólicas em função de outros projetos. Professores que tinham parabólica em casa gravaram e levaram para a escola. Aconteceu de tudo nessa fase experimental. Nós tivemos retorno por correspondência. Cartas que foram abertas no próprio espaço da programa-

ção, na qual pedíamos para as pessoas escreverem. Também recebemos telefonemas. Através da linha 0800 as pessoas ligam gratuitamente de qualquer ponto do território nacional. Recebemos muitos telefonemas elogiosos, no geral, ou então se queixando de que o sinal não estava bom e uma série de questões técnicas, muito em função das escolas que já tinham equipamento e que não eram os equipamentos que nós estamos especificando para compra. Vieram também algumas críticas que nós já incorporamos. Agora, a avaliação mais sistemática está por conta da Secretaria de Ensino a Distância com o Conselho Nacional de Secretários da Educação, o Consed, para um grande projeto de avaliação. Aí sim teremos uma avaliação científica, levando em consideração todos os critérios necessários.

RCE: *Você estima em quanto fica a produção de um programa?*

Isa: Bem, 70 milhões são para o investimento tecnológico. Agora, os números da produção eu não tenho.

RCE: *A TV Escola montou um núcleo de produção de programas?*

Isa: A Fundação Roquette-Pinto produziu quatro séries. E nós vamos iniciar este ano mais seis séries que não sabemos exatamente se serão produzidas na Roquette-Pinto, isso ainda está em discussão. Essas séries são fruto de pesquisas do SAEB (Sistema de Avaliação do Ensino Básico), que é ligado ao Ministério e é o órgão encarregado de percorrer todo o

Brasil, conhecendo as diversas necessidades na Educação Básica. É a partir de uma avaliação dessas necessidades do mercado educacional que elaboramos a programação da produção, desde que não encontremos disponível material bom nessas áreas. No ano que passou produzimos uma série chamada **Viagens de Leitura** e uma série chamada **Livros e etc.** São materiais que o professor pode usar na sala de aula. Temos também uma série chamada **A Escola Hoje**, que tem a preocupação de pensar a comunidade escolar e a gestão democrática da escola. A série **Conversa de Professor** trabalha conteúdos de Matemática, Ciências e Língua, com os quais o professor tem dificuldade para trabalhar com as crianças, em sala de aula. Para este ano, as séries aprovadas cuja produção estamos começando são **Conversa de Professor de História e Geografia**, uma série sobre **Leitura Crítica dos Meios**, esta última dirigida às crianças e aos professores. Isso porque não há como adentrar a escola pública com uma avalanche de imagens, por mais criteriosa que seja a escolha, sem trabalhar a questão da linguagem, isso para nós é fundamental. Outra série em que estamos trabalhando vai se chamar **Jornal Eletrônico ou Revista Eletrônica**. É uma revista na TV. Ela vai contar como está sendo o processo de implantação da **TV Escola**, as diferentes experiências de educação

e, uma outra parte, noticiosa. Esse é um projeto para o semestre que vem. Temos, ainda, um projeto sobre **Recursos Didáticos**, ele vai ajudar o professor a transformar teoria em ação.



Rosa Gauditano

Cena do documentário *Ilha das Flores*², veiculado dentro da programação da TV Escola.

RCE: *Como você trata, nesses programas, das diferenças culturais e das peculiaridades regionais?*

Isa: Em nossa varredura em busca de material adequado e interessante, viajamos pelo Brasil todo e encontramos material produzido em várias regiões do país. A TVE de Pernambuco, a TV Machomba, a Casa de Cinema Gaúcho, entre outras, têm produção de qualidade. Portanto, temos produções regionais aos montes. Isso é uma coisa, outra coisa é que procuramos contemplar, em nossos programas, as situações do Brasil todo. E, a partir

2. *Ilha das Flores*, documentário, direção Jorge Furtado, 1989, colorido, 12 minutos, produção Casa de Cinema de Porto Alegre, RS.

de agora, as TVs educativas regionais também entram na produção. Por exemplo, a TVE de Minas já está em conversa conosco. Então existe essa preocupação, sim, de produzir programas na própria região. Encontramos materiais maravilhosos, aos quais pouquíssima gente tem acesso. Mandamos cartas para todas as TVs regionais comunitárias e universitárias, pedindo para elas mandarem material. Estamos abrindo um espaço chamado **Palanque Brasil**, que é um espaço aberto, semanal, para que as produções que chegarem sejam exibidas. Portanto, existe uma preocupação grande com a linguagem, com toda a coisa regional. Ninguém está querendo impor nada, mas ter, ao mesmo tempo, uma visão universal e abrangente: as raízes e as antenas ligadas para o mundo.

RCE: *Outra questão é sobre o embate entre o que é entretenimento e o que é educativo. Como vocês encaram esse problema? A ficção pode educar?*

Isa: Um dos eixos transversais do projeto — porque a gente tem os eixos temáticos, Língua, Matemática, Ciências, História do Brasil — que atravessa toda a nossa programação, se refere à linguagem, se refere à ética, à cidadania e à identidade cultural brasileira. Em relação à questão entretenimento e ensino, eu não acredito nessa separação. Há que abrir ao máximo o leque do repertório dos professores. E para formar um bom professor você precisa formar um cidadão humanista, uma pessoa que está conectada com to-

das as questões. É por isso que eu digo, ficção sim e a partir de abril, aos sábados, a gente entra com cinema brasileiro. É uma programação mais voltada para a comunidade. A primeira é um ciclo de cinema e literatura brasileira. Estão programados os filmes **São Bernardo**, **Vidas Secas** e uma porção de produções maravilhosas. Trabalhamos com vários formatos e várias abordagens do mesmo tema. Temos a preocupação de formar um cidadão capaz de criticar os meios. Trabalhamos com ficção, com documentário e com formatos mais didático-pedagógicos, digamos assim. Se você vê a grade de programação, ela é uma costura dos vários formatos.

RCE: *Os professores que receberam em caráter experimental a TV Escola, receberam treinamento de como utilizar esses recursos, de como trabalhar com os mesmos em sala de aula?*

Isa: Foram mandadas cartas em mala direta para as escolas e na própria programação tínhamos essa preocupação. Fizemos o que denominamos “inter-programas”, eles costumavam a programação e neles uma apresentadora conversava com os professores sobre a utilização do equipamento, mostrando como manejá-lo, como organizar uma videoteca. Esses “inter-programas” tinham várias inserções durante o dia, falando de como se dá a utilização pedagógica do material. A **Revista TV Escola número 2** é toda voltada para a implantação do Projeto e essa preocupação também aparece. Estamos

no ano da implantação da **TV Escola** e o retorno dos professores e alunos vai alimentar sempre a produção e a manutenção do Projeto. Elegemos este ano como o da implantação e todo o nosso gás é para isso. Como utilizar pedagogicamente é importante, mas estamos contando com o lado de lá, com o que a escola vai trazer. A recepção vai ser diferente em cada escola e achamos que isso é ótimo. Agora, não tem nada obrigatório. O professor não é obrigado a nada.

RCE: *Então ele vai ser tratado como um receptor comum de televisão?*

Isa: Não, não é um receptor comum de televisão porque a gente está trabalhando através do próprio meio, e através de outros instrumentos, tais como as apostilas.

RCE: *Esse material de apoio é gratuito ou tem algum custo?*

Isa: Não tem custo. É tudo gratuito.

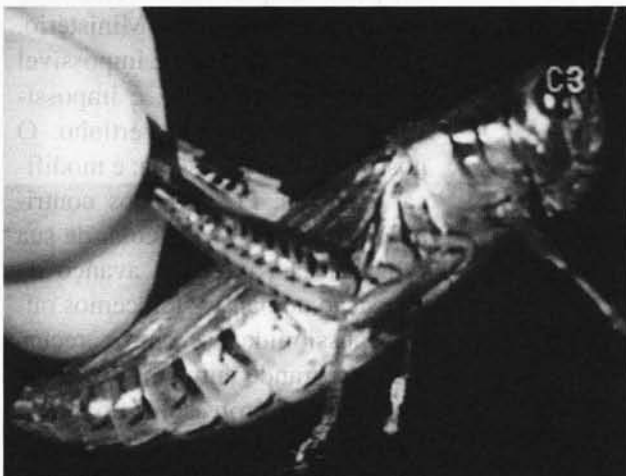
RCE: *Para professores e alunos?*

Isa: Não. Vai para a escola. Todo esse material é para a escola. Já soubemos de escolas que xerocaram milhares de revistas nº1. No Paraná, por exemplo, eles se organizaram e fizeram fichas dos programas mais interessantes, distribuíram para todas as escolas. Nós precisamos contar com isso, e com a parceria das Secretarias Municipais de Educação. É esse conjunto que vai fazer o Projeto acontecer. O Ministério não tem escolas. O Ministério lança um projeto e as regiões têm que absorver. As

Secretarias vão ter que trabalhar. É uma composição.

RCE: *Quem é o responsável por ir bater na porta do Secretário de Educação de São Paulo e dizer: "olha, nós temos aqui o projeto..."?*

Isa: É esse grupo da Secretaria de Educação a Distância que está cuidando da implantação, e que responde por isso em Brasília.



Rosa Gaudiano

Cena do programa da **Série Invertebrados**.

RCE: *A maioria das escolas em São Paulo, por exemplo, tem mais de 500 alunos. Como é que um único kit, com um único aparelho de TV, vai poder ser utilizado pela escola toda? Vocês pensaram nisso?*

Isa: É claro que sim. Essa é uma questão importante. Há inclusive escolas que nem vão ter um lugar isolado, reservado, uma sala. Cada escola vai ter uma problema. Por exemplo, tem escola que recebeu o kit mas não tem eletricidade. Então, caso a caso vai ter que ser analisado. O ideal seria que

houvesse muitos aparelhos. No momento não é possível o Ministério fornecer mais do que isso. Agora é evidente que seria necessário muito mais.

RCE: *O Projeto pensa estimular as Secretarias Estaduais e Municipais a prover as escolas dos recursos que faltam?*

Isa: Não. A questão da eletricidade, por exemplo, casos como esse vão ser resolvidos pelo Ministério. São muitas variáveis. É impossível ter uma uniformidade, é impossível você querer tudo certinho. O nosso objetivo é a escola, é modificar a escola. Pretendemos contribuir, através da **TV Escola**, de sua programação, para um avanço da educação no país. Oferecemos outras possibilidades, outros recursos, um grande aumento do repertório para os professores do Brasil inteiro. No Acre, em Roraima, Rondônia, em todos os lugares chegará informação da mais alta qualidade, do mais alto nível. Mas sabemos que a implantação disso vai ter um milhão de variáveis. É um projeto generoso. Estamos querendo buscar o que há de melhor. Acabamos de ir para a Inglaterra comprar material da **Chanel 4**, é o que existe de ponta, hoje, na educação. É luxo para todos, num certo sentido. Mas sem deixar de trabalhar o reconhecimento da identidade, o valor do que é cada criança, do que é cada professor. As dificuldades, ninguém tem dúvida, elas existem, mas é preciso começar, desencadear o processo.

RCE: *A dificuldade, além da falta de recursos, é o tempo do professor. Normalmente a maioria dos professores dá aulas nos três períodos. De manhã, à tarde e à noite. Como é que ele vai achar um tempinho para ver a programação da TV Escola, para se pensar enquanto profissional?*

Isa: Está sendo estimulado que as Secretarias Municipais de Educação dêem certificados. Estimulem o professor a utilizar a programação. Temos um curso livre de atualização de conceitos de matemática. São 40 aulas divididas para atualização de conhecimentos. Então a Secretaria de Educação pode pegar essa série, esse programa, e organizar os ciclos dos cursos, e depois dar certificados. Vai depender de como as escolas vão se organizar. É um pólo fundamental esse contato, essa simbiose com as Secretarias. Tudo vai depender da recepção. Nós como produtores estamos tentando emitir o melhor, fornecer o máximo de subsídios que podemos dar: para isso a revista, as apostilas, o canal aberto com a escola através do telefone, da correspondência. Estamos procurando todos os canais mais abertos possíveis, mas se as Secretarias Municipais e Estaduais se recusarem a entrar no processo, não adianta nada.

RCE: *Nós estamos num ano político. Eleições municipais em todo o país. Há um grande investimento de recursos, não só financeiro, mas humano nesse projeto, e co-*

mo é que se garante que ele chegue a quem mais interessa, aos professores e aos alunos que estão na escola, neste ano de disputas políticas?

Isa: A garantia maior é que estão eliminados os intermediários. O dinheiro vai para a escola. Existe a tentativa de eliminar toda a política do intermediário. Uma tentativa que está funcionando. A **TV Escola** não tem nada a ver com política. O nosso objetivo declarado e cumprido é o da formação do professor, formação que é permanente, e apoio à sala de aula. Estamos oferecendo materiais para o professor usar com a criança na sala de aula. Uma série de vídeos pedagógicos, programação premiada no exterior e programação feita aqui. Por exemplo, o professor está trabalhando mamíferos e vê ali na grade de programação divulgada pela revista que a **TV Escola** tem material sobre mamíferos. Ele então usa aquilo dentro do planejamento dele. Ele trabalha o material com as crianças. A idéia é essa. A gente não está pensando em política.

RCE: *Você me falou do material de apoio. São cartilhas?*

Iza: São cadernos. Os professores responsáveis pelos conteúdos das séries produziram textos curtos que aprofundam as questões que foram tratadas no vídeo. Porque sabemos que o vídeo é uma coisa que passa, por mais que você, com o videocassete, tenha o recurso de rever várias vezes, mas há coisas que, para fixar com mais densidade, é preciso material impresso. Estamos

produzindo também, para cada um dos programas, uma ficha para o professor. É uma coisa muito simples, que vamos mandar pelo correio para as escolas. Cada programa tem uma claquete com informações: a sinopse, a temática, o público para o qual é destinado, tempo de duração, ficha técnica. Isso entra colado ao programa, mas além disso haverá as fichas que chegam às escolas em março.

RCE: *Esse material também é um material de avaliação, ele também tem exercícios?*

Isa: Não. Por enquanto, não. Fornecemos, além do conteúdo que está ali, uma bibliografia para os professores se aprofundarem, se desejarem. É muito novo o projeto. Pretendemos aperfeiçoá-lo e, para isso, temos estudado outras experiências. Porque já se fez muito em termos de educação pelo mundo. As experiências internacionais apontam para algumas conquistas. Essa inter-relação entre entretenimento e educação é uma experiência que já foi provada internacionalmente. Outra experiência comprovada é a importância tanto dos materiais quanto dos técnicos de apoio. Professores, técnicos, que vão até a escola, vão ali verificar como é que está indo o projeto. Vão avaliar.

RCE: *E como é que vocês estão pensando em fazer isso?*

Isa: Esse é o projeto de implantação e avaliação que está sendo feito com o Consed. As Secretarias de Educação junto com o Ministério vão realizar essa avaliação. A idéia

é preparar o pessoal das Secretarias Municipais e Estaduais. Por exemplo, na Inglaterra, a **BBC** e a **Chanel 4** trabalham muito coladas a um currículo único, coisa que nós não temos no Brasil, e é uma dificuldade a mais. Então, é muito mais fácil aferir resultados, em torno de possibilidades muito mais fechadas. Lá eles têm, por exemplo, seis pessoas da **BBC**, que são avaliadores. Eles avaliam desde o momento de concepção da série, acompanham toda a produção e depois vão à escola. É maravilhoso, é o ideal. Garante uma unidade e quando chega ali no fim do caminho ele vai saber o que furou.

RCE: *Por que o MEC preferiu implantar a educação a distância através de circuito fechado de TV? Por que não utilizar o circuito aberto, já que ele é concessão do Governo às empresas privadas? Não seria mais barato? Não haveria maior audiência e, portanto, melhores resultados?*

Isa: Essa é uma questão muito polêmica, todo mundo coloca. Foi feita uma avaliação, foi orçado o que valeria mais a pena e o que chegaria em todos os recantos do Brasil. A **TV Educativa** brasileira não chega em todo o país. E como são muitas horas de transmissão e a idéia é ampliar também com programação para o segundo grau, ou seja, vamos ampliando o horário, isso custa caro. Portanto, foi uma questão de custos e de acesso. A **TV Escola** chega em todos os lugares.

RCE: *E por que a escolha de trabalhar com um canal fechado para a escola? Por que não trabalhar com o ouvinte que está em casa como faz o Telecurso?*

Isa: Poder falar direto com a escola é um grande privilégio. Quem tiver parabólica capta. Estamos oferecendo, em alguns casos, a programação para as TVs educativas regionais. Quem quiser, está aberto, inclusive para as Comunitárias, as Universitárias. Mas esse é um canal para a escola brasileira. Pela primeira vez a escola brasileira vai ter um canal de televisão para ela. É um espaço destinado à escola.

RCE: *Isso é o que tem de inédito nessa experiência?*

Isa: Na verdade é uma forma de os meios de comunicação chegarem à escola. Porque você vai trabalhar com outra linguagem, através de um meio.

RCE: *Vivemos num país continental, nós temos todas as carências, mas, por outro lado, nós temos veí-*

Rosa Gauditano



Destaque de uma cena do programa da série Rede Geral.

culos de comunicação, principalmente a televisão, que chegam a todo o país. Temos algumas das maiores e melhores produtoras de programas de entretenimento, e como é que a educação se insere nessa realidade? Qual é a importância de preparar o professor e o aluno para essa realidade?

Isa: Acho que tem dois lados. Um é a educação e a escola tirar vantagens da familiaridade com a linguagem televisiva e trazer o meio para dentro dela. Todo mundo vê televisão e conhece essa linguagem. Agora, conhece mal, porque consome qualquer coisa aos montões, sem que consiga saber selecionar criticamente, criticar o que está vendo. Temos uma preocupação muito grande com a metalinguagem, estamos sempre trabalhando com ela. É uma maneira de colocar as pessoas no mundo moderno com um pouco mais de clareza sobre o que estão vivendo. Não dá para não trabalhar a leitura dos meios na escola pública. Isso é básico. É fundamental. Não tem essa coisa de dizer: "nós precisamos é de caderno, de lápis." Claro que estão precisando. A escola precisa de tudo. Uma coisa não exclui a outra de maneira nenhuma. Precisa de tudo isso e de mais. Temos que queimar etapas. A educação brasileira já perdeu tanto. A Revolução Francesa ainda não se instaurou no Brasil todo. É uma coisa absurda. Temos que usar os recursos mais modernos, o computador tem que entrar na escola. O povo brasileiro tem direito a isso.

RCE: *O brasileiro tem experiência da importância da mídia eletrônica em momentos pontuais do país. Ou seja, a experiência das eleições do Collor. Como é que você, que trabalha com a produção de programas, acha que a TV Escola pode ajudar na leitura crítica dos meios?*

Isa: Eu acho que temos de "desmontar" as linguagens deste meio e mostrar como é que ele funciona... Essa série que estamos começando a produzir tem um pouco desse viés. Desmontar um programa. Mostrar como ele é construído. Como é que você pode manipular a imagem, como é que você pode manipular o som, como é que você pode manipular a fala. A produção desta série está sendo iniciada e vai ao ar em agosto.

RCE: *Já tem nome?*

Isa: Está com o nome provisório de **A Leitura Crítica dos Meios**. É uma série importantíssima. Porque nós trabalhamos com vários tipos de formatos: propagandas, novelas, documentários, ficção em geral, trabalhamos várias linguagens, desconstruindo-as. Fazendo ver o que está no texto, a montagem de televisão. A idéia é essa, é mostrar que você pode ser manipulado com isso. Esse programa mostra como é que se edita. Como é que se monta. Qual é a mágica que se faz. Queremos mostrar que a imagem, quando está lá, não é mais realidade. Ela é uma imagem. Tem aí uma mediação, aquilo não pode ser engolido tal qual cena de rua. É sempre um re-

corte de alguma coisa. A idéia é trabalhar por aí, com crianças e professores e, nesse caso, você terá a mesma série para os dois. Dá quase na mesma.

RCE: *Voltando um pouco ao funcionamento do projeto, como é que o professor e o aluno estão recebendo os sinais da TV Escola? Como é que se estabelece essa relação do professor na sala de aula e a equipe da TV Escola?*

Isa: Bom, primeiro, o aluno não recebe. Quem recebe é o professor, a escola. O professor vai selecionar o que ele vai mostrar para os alunos. O aluno não tem que ter esse acesso direto ao material da **TV Escola**. A idéia não é essa. É uma programação que o professor vai criar e vai descobrir como usar. Quanto ao canal que o professor tem com a **TV Escola**, solicitamos que ele escreva, que se corresponda, que telefone. Já temos montado um esquema para responder às perguntas.

RCE: *Vocês não estão colocando nada ao vivo no ar?*

Isa: Tem o telejornal que vamos fazer. É a Revista eletrônica. Vamos viajar, sair pelo Brasil, fa-

zendo conversas. Queremos criar um *link* entre as várias regiões, o que vamos poder fazer quando tivermos a informática na escola. Então a idéia é ir lá, fazer uma reportagem, discutir, inspecionar, conversar com as crianças, conversar com os professores, diretor, e levar isso ao ar. É um espelho. Você vai poder oferecer para os professores das diferentes regiões as experiências que estão se dando singularmente.

RCE: *Existem prazos, metas para avaliação do projeto como um todo?*

Isa: A idéia desse projeto é que ele se fixe, que se incorpore e que vá se aperfeiçoando. Não tem por que dar um prazo de duração para ele. A idéia é que ele exista. Passe a existir e passe a ser um elemento da escola, como a biblioteca da escola. A meta inicial é implantá-lo nas 46 mil escolas e depois ampliar para as outras. A nossa meta é melhorar a qualidade do ensino no Brasil. Não em termos de números, de prazos para retornos, isso é permanente. Como na Inglaterra, a **BBC** tem 70 anos e não pára nunca. Não pode parar.